

O “NATAL” E OS SÍMBOLOS PAGÃOS

QUE LHE ESTÃO ASSOCIADOS

Vítor Quinta
Julho 2006



1. Introdução

Começemos por assinalar que a celebração do chamado “Natal” é desde há muito tempo reconhecido como tendo origem em celebrações pagãs associadas a cultos a outros “deuses”, celebrações que a igreja católica romana “cristianizou”, particularmente a partir do Séc. IV, sob a vigência de Constantino, fazendo com que, aos poucos, muitos dos costumes pagãos de povos idólatras fossem “adoptados” por este tipo de “cristianismo”.

O primeiro documento que faz referência ao “Natal” é datado do ano 324 d.C.. Porém, este culto ao “deus-sol” já era realizado no tempo do Imperador Aureliano (270 a 275 d.C.). Em 274 Aureliano declarou o sol como “deus” chamando-lhe “*Deus Sol Invictus*”, Mitras o “deus” oficial do Império Romano (Mitraísmo).

Depois disto, este dia foi oficialmente reconhecido como um dia feriado no reinado do Imperador Justiniano (527 a 565 d.C.): “*Dies Natalis Invictus*”, que correspondia ao último dia das festividades pagãs da Saturnália (festas em honra do “deus” Saturno). Neste dia, a que corresponde também o solstício de Inverno, celebrava-se o

nascimento do “deus-sol”. A estes festivais pagãos andou sempre associado também o culto à “deusa do céu”, que hoje se encontra espalhado pelo mundo no culto a Maria.

Este “deus-sol” é cultuado desde tempos imemoriais, milhares de anos antes de Cristo, entre vários povos e zonas geográficas do mundo sob vários outros nomes, mas sempre em honra do astro-rei: Osíris, Hórus, Hercules, Baco, Adónis, Júpiter, Tamuz e outros, todos eles com origem em Babilónia, centrado no culto a Nimrod, grande opositor de YHWH, o qual era bisneto de Noé (Noé gerou a Cão, este gerou a Cush, e Cush gerou a Nimrod).

Este facto histórico é reconhecido por inúmeros historiadores e outros estudiosos, podendo ser confirmado em qualquer enciclopédia, incluindo a Enciclopédia Católica. Segundo a pesquisa que efectuámos para este trabalho, nesta enciclopédia, em: “New Advent” (<http://www.newadvent.org/cathen/03724b.htm>), podemos ler:

- Origem da palavra “Natal” (do latim *Dies Natalis* e do inglês *Christmas*): *Christ Mass* ou Missa de Cristo, foi primeiro fundada no ano 1038 e depois confirmada em 1131.
- O “Natal” não se encontrava entre os festivais celebrados pelo povo de Deus dos primeiros séculos da era Cristã, tanto assim que Ireneu e Tertuliano não o incluem entre estas festividades.
- Orígenes, por exemplo, assinala que a *Natalitia*, festividade desacreditada e na qual, segundo as Escrituras, só os gentios celebravam a festividade do seu nascimento, não os santos.
- Arnobius ridicularizava a celebração das datas “de nascimento” dos deuses.

No mesmo *site* encontramos ainda outras referências interessantes e que aqui apresentamos resumidamente:

- Clemente de Alexandria indica que alguns teólogos egípcios assinalam não somente o ano e mês do nascimento do Cristo: ano 28 do reinado do Imperador Augusto, no mês nono.
- Outros, como Cipriano, apontam o nascimento do Cristo em 28 de Março por ser esse o dia em que se crê YHWH tenha criado o astro que nos ilumina – o Sol (igualmente uma premissa que não tem fundamento).
- Reconhecimento de que o censo mandado fazer pelas autoridades romanas não poderia ter tido lugar no Inverno,

e muitas mais poderiam aqui ser citadas com posições contraditórias entre si.

Uma coisa parece ser certa, porém: em Jerusalém, mesmo no séc. IV d.C. não havia qualquer celebração no dia correspondente ao 25 de Dezembro. Porém, em Roma, através do Calendário Philocaliano, compilado no ano 354 (já depois do Concílio de Niceia), o dia 25 de Dezembro está marcado como “*Natalis Invictus*”, numa clara referência à celebração pagã do “*Natalis Solis Invictus*”, uma celebração ao “deus sol”, e sua fusão com o Mitraísmo que nesse dia celebrava “Mitra”, o “deus-sol”, coincidente com a celebração do solstício de Inverno em muitas partes do mundo antigo.

A transposição de uma celebração pagã ao “deus-sol” para a “cristianização” desta festividade foi um passo muito curto. Esta tendência manifestou-se não só nesta festividade pagã, contrária à vontade de YHWH, como em muitas outras que são uma abominação perante a face do Senhor, como sejam, por exemplo, a criação de imagens de “santos”, “cristianizando” os nomes de antigos “deuses” adorados em várias partes do Império Romano e cujas práticas de culto foram trazidas para o seio de uma igreja que apostatou da verdade – a Romana.

Iremos passar de seguida à análise dos principais símbolos que a sociedade e o “cristianismo” do nosso tempo exterioriza por volta do 25 de Dezembro, procurando compreender a sua origem e significado que, como iremos demonstrar, nada têm de cristão, e em nada reflectem do nascimento do Messias Yeshua (Jesus), nem sequer têm alguma coisa a ver com a chamada “festa da família” cristã.

No entanto, temos que ter presente que estão errados aqueles que julgam honrar a Deus no respeito pelos dias criados pelo homem ou no uso de símbolos (pagãos), pois não podem, de maneira nenhuma, estar a honrar O Deus Criador através de símbolos que foram criados para honrar deuses feitos pela mão dos homens, o que é expressamente proibido nas Escrituras (Deuterónimo 12:30-31). Israel caiu neste erro, indo após outros deuses, e a humanidade continua a cair nele também. Cultuam a “deuses” estranhos e depois querem estar na graça do Deus YHWH – Jeremias 7:9-10. Que grande erro! Tomemos como exemplos a celebração do “Natal” ou o uso da cruz entre muitos outros.







Apesar de parecer uma coisa inocente aos olhos do ignorante, o que conhece a verdade de Deus não pode honrá-Lo através de símbolos que foram criados para cultuar a Baal, Mitra, Moloque, Tamuz ou Zeus (expressões diferentes no tempo e no espaço de cultos pagãos ao deus-sol, originado em Nimrod – Babilónia), porque certamente não estaremos a cumprir a vontade de YHWH.




Muitas igrejas do “cristianismo” dos nossos dias, mesmo algumas evangélicas, e muitíssimas famílias continuam a celebrar o 25 de Dezembro sem saberem que estão a celebrar uma data oriunda do paganismo em que se celebrava o nascimento do “deus-sol” Tammuz, Mitra, Zeus, etc.. Os homens de hoje cresceram no entendimento de que as mentiras são verdades porque a Igreja se deixou infiltrar pelo paganismo, adoptando-o, pelo que perverteu a verdade. Eles persistem neste erro secular e nada fazem para sair desta Babilónia espiritual em que o diabo os encerrou a todos.

A verdade é que a Bíblia Sagrada não nos instrui a celebrar o “Natal” ou o dia 25 de Dezembro. Só o mundo pagão celebrava este dia em épocas muito anteriores à vinda do Cristo e continua hoje a fazê-lo.

Embora de forma breve, vamos agora olhar com algum pormenor a origem dos principais símbolos associados ao longo do tempo a esta celebração pagã.

2. Símbolos pagãos mais comuns associados ao “natal”, sua origem e significado

Símbolos mais correntes	Origens históricas	Significados atribuídos	“deuses” cultuados através deles
 <p>O presépio</p>	<p>Cena representada pela 1ª vez em 1223 por Francisco de Assis</p>	<p>A cena apresenta o menino no berço com o boi e o jumento, o que é uma interpretação errada de Isaías 1:3</p>	<p>Em Delfos celebravam uma cena semelhante em honra de <i>Dionysus (Baco)</i> ou de épocas mais remotas <i>Nimrod</i>, um opositor de Deus (Babilónia)</p>
 <p>Os “reis magos” e a estrela que os guiou</p>	<p>Os “reis magos” são explicados noutra artigo desta revista.</p>	<p>Forma de culto ao Salvador Jesus, Filho do Deus Altíssimo. Neste tipo de quadros estão igualmente representados os “reis magos” ou homens sábios que vieram do Oriente a adorar o Salvador</p>	<p>Esta forma de culto distorce o culto ao Deus verdadeiro, invisível, que é Espírito e que quer ser adorado em espírito e em verdade</p>
 <p>A árvore de “natal”, o azevinho e outros ornamentos arvenses</p>  	<p>O azevinho aparece no sec. XIII em Inglaterra, na França. Nos países do Norte da Europa celebra-se a árvore. A 1ª árvore de “natal” aparece mencionada em 1605 em Estrasburgo e só é introduzida em Inglaterra e França em 1840 pelos Príncipes de Mecklenburgo. Atribui-se a Martinho Lutero a colocação de luzes (velas) na árvore.</p>	<p>Símbolo de fertilidade da terra e prosperidade</p>	<p>Adoptado pelos druídas celtas e pelos povos nórdicos no culto aos seus “deuses” pagãos, homenagem centrada no culto das árvores</p>
<p>Os cânticos e hinos</p>  <p><i>Silent Night, Holy Night</i></p>	<p>Os chamados cânticos de “natal” surgiram entre os sec. XI a XIII, no que é hoje a Alemanha e a Áustria e continuaram pelos séculos seguintes</p>	<p>Esses cânticos e hinos celebravam o nascimento do Cristo, principalmente na sua condição infantil</p>	<p>Embora os cânticos tenham sido compostos em honra a Jesus, a sua associação a um culto pagão tornam a sua natureza igualmente pagã.</p>

 <p>A tradição da troca de presentes e “boas festas”</p>	<p>Costume pagão centrado na entrada do ano romano – 1 de Janeiro e que foi transposto para o “Natal”</p>	<p>Cartões de “boas festas” e trocas de presentes são mais uma exteriorização das celebrações associadas a este dia que surgiram a partir do Sec. XV.</p>	
 <p>O “pai natal”</p>	<p>“S.Nicolau”, homem santo que viveu no sec. IV no território da Turquia e que fazia muito bem aos pobres. Foi um dos bispos delegados ao Concílio de Niceia no ano 325. Tornaram-no patrono de alguns países: Rússia, Grécia e Sicília.</p>	<p>Culto a “S.Nicolau”. Qualquer que fosse o significado anterior, a Coca Cola popularizou a figura do “pai natal” vestindo-o com as cores da Coca Cola a partir de 1931, o que foi um grande êxito publicitário para a bebida</p>	<p>Alguns sites católicos visitados chegam ao ponto de associar, <u>por analogia</u>, o “pai natal” ao Pai dos céus, o que é realmente uma blasfêmia (vidé: www.biblia.com/christmas/santa.htm)</p>


Em Inglaterra, o Parlamento proibiu a celebração destas festividades pagãs em 1644 mas, aos poucos, esta tradição pagã foi sendo recuperada. Naquele tempo a lei inglesa impôs que as lojas e os mercados estivessem abertos e os pudins de “natal” foram proibidos por serem “pagãos”. Esta imposição teve séria resistência tendo sido derramado sangue em Canterbury.

Os primeiros colonos da América baniram qualquer tipo de festividade ligada ao “Natal” por a considerarem pagã, chegando a ser banido por lei no Estado de Massachussets. Porém, com a crescente penetração de populações ligadas ao culto católico romano, principalmente os oriundos da Irlanda, esse costume pagão foi-se enraizando cada vez mais.

3. Outros símbolos nada “inocentes” (embora não respeitem a esta época)

Já que nos estamos a debruçar sobre a origem e significado nada cristão de alguns símbolos associados à celebração das festas do “Natal”, aproveitamos para elucidarmos os nossos leitores acerca de outros símbolos dado que alguns de nós não conhece o seu verdadeiro significado.

Com a devida vénia aos autores (www.injesus.com.br), apresentamos um quadro que nos revela alguns outros símbolos perniciosos, satânicos mesmo, que não devemos ter nas nossas casas, nem, por inadvertência ou ignorância usar aplicados numa camisola, por exemplo, pois se o nosso Deus os abomina, também nós o devemos fazer:

	<p>Ankh: Antigo símbolo egípcio que representa a vida, o conhecimento cósmico e o acto sexual. Também é conhecido por bruxos como a “Cruz Ansata”, utilizado em rituais de encantamento, fertilidade e divinação.</p>
---	--

	<p>Olho de Hórus: Outro símbolo egípcio também muito utilizado na feitiçaria moderna, representa o olho "divino" do deus Hórus, e é muito usado para simbolizar a protecção espiritual e o poder clarividente do Terceiro Olho.</p>
	<p>Pentagrama: é um dos símbolos pagãos mais poderosos e populares entre os bruxos e Magos cerimoniais. Cada ponta do pentagrama representa um elemento místico: fogo, terra, água e ar, superados pelo espírito. Com a ponta para cima o pentagrama simboliza as aspirações humanas, com a ponta para baixo é o sinal do "deus cornífero".</p>
	<p>Suástica: Muito antes de ser utilizado pelos nazistas, esta figura simbolizava boa sorte e saúde na Europa pré-cristã. Este sinal já foi usado em inúmeras culturas pagãs muito antes de Cristo, em particular na Índia. Segundo o budismo a suástica significa o "selo sobre o coração de Buda".</p>
	<p>Selo de Salomão: Este hexagrama de dois triângulos entrelaçados simboliza a alma humana, sendo utilizado por magos cerimoniais para encantamentos, conjurações de espíritos, sabedoria, purificação e reforço dos poderes psíquicos. (cópia da estrela de David, a mesma da bandeira de Israel)</p>
	<p>Triângulo: Símbolo da manifestação finita na magia ocidental, muito usado em rituais para invocar espíritos quando o sinal da entidade a ser invocada está em seu centro. O triângulo equivale ao número 3, número mágico poderoso, e é um símbolo sagrado da deusa Tripa: Virgem, Mãe e Anciã.</p>
	<p>Om: É o símbolo universal da Yoga, e quando pronunciado se torna o mais poderoso dos mantras. O Om é considerado a origem e o fim de todos os verbos. Nele o universo se cria, se conserva e se dissolve. É o som-semente que desenvolve o centro de força da "Terceira Visão", responsável pela intuição, meditação e pelos fenómenos da telepatia e clarividência. O Om é considerado o som mais próximo da palavra divina, e a origem de todas as demais.</p>
	<p>Tei Gi ou Yin Yang: representa a criação em pleno equilíbrio inicial. A parte superior da senóide representa a polaridade positiva, e se decai progressivamente até se tornar negativa. A idéia do símbolo é indagar quando é que algo deixa de ser positivo para se tornar negativo. Define-se que um lado sempre contém algo do outro. Nada é totalmente bom e nem totalmente mal.</p>



Cruz: É o signo do começo da vida humana. Quando a circunferência desaparece ficando apenas a cruz, este signo representa a queda do homem na matéria. A cruz dentro do círculo representa o panteísmo puro (múltiplos "deuses").

Que a chamada época natalícia possa fazer nascer o verdadeiro Yeshua, O Cristo, não em representações como o mundo as faz, mas que Ele possa nascer verdadeiramente nos nossos corações.
